

A Economia Brasileira em 2024

GUILHERME TINOCO (*)

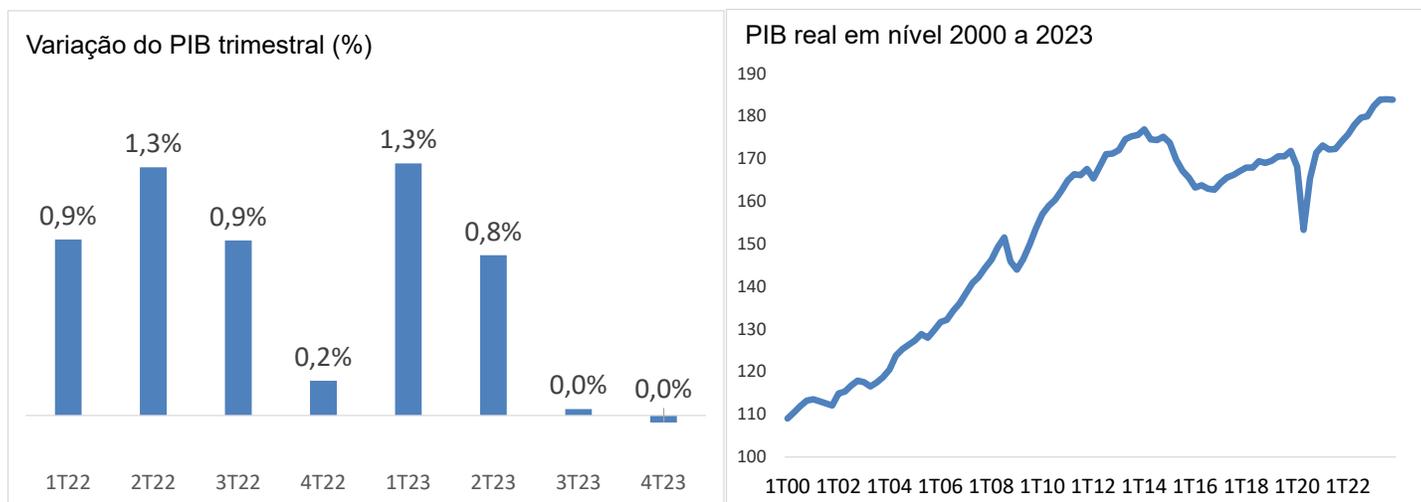
No primeiro dia de março, o IBGE divulgou os números oficiais para o PIB nacional relativo a 2023. Tais números mostraram que, no quarto trimestre do ano, o PIB brasileiro apresentou estabilidade, seguindo o que já havia acontecido no terceiro trimestre. Com isso, o PIB total de 2023 fechou o ano com alta de 2,9% em relação a 2022, um valor muito acima da projeção de mercado de início de ano, que era de 0,8%.

No ano, o PIB, pelo lado da oferta, foi caracterizado por uma alta bastante significativa da agropecuária (+15,1%), refletindo a safra recorde no setor, e por um crescimento ex-

pressivo também da indústria extrativa (+8,7%). Os serviços, maior componente da oferta, exibiram alta de 2,4%. Pelo lado da demanda, destacou-se o crescimento de 3,1% do consumo das famílias, sustentado, entre outras coisas, por um mercado de trabalho bastante resiliente e uma elevação substancial das transferências às famílias. O destaque negativo, pelo lado da demanda, foi o fraco desempenho do investimento, que recuou 3,0% na comparação com o ano anterior.

Em relação ao comportamento do PIB ao longo do ano, verificaram-se taxas de crescimento muito diferentes ao longo dos quatro

trimestres de 2023. O gráfico a seguir mostra que, enquanto a economia cresceu 1,3% no primeiro trimestre e 0,8% no segundo trimestre, sempre na comparação com o trimestre anterior, ela ficou estável no terceiro e no quarto trimestres. Por fim, é importante pontuar que o crescimento do PIB de 2023 se sucede à alta de 3,0% em 2022 e 4,8% em 2021, que, somados, caracterizam uma recuperação significativa da economia após a contração de 2020, no âmbito dos efeitos da pandemia, como fica evidente quando se observa o gráfico de nível exposto a seguir.



De maneira geral, portanto, é possível extrair duas conclusões mais gerais em relação ao desempenho da economia em 2023. A primeira é que o PIB cresceu com o suporte do setor agropecuário e extrativo e do impulso fiscal caracterizado principalmente pela elevação de transferências às famílias. A segunda é que o PIB desacelerou durante o ano, colocando dúvidas a respeito da continuidade do crescimento em 2024. Neste contexto, faz sentido entender melhor o que pode acontecer com a economia este ano. O quanto será possível crescer e qual será o padrão de crescimento?

De maneira geral, muitos dos fatores que ajudaram a impulsionar a atividade em 2023 não estarão presentes em 2024. No caso da agropecuária, as estimativas relativas à safra de grãos do ano têm sugerido queda em relação a 2023, como atestam os últimos números divulgados pela Conab e pelo IBGE. É verdade que as safras ainda estarão em patamares historicamente elevados, mas haverá redução na comparação anual. Já em relação ao impulso fiscal, nota-se que este, se permanecer no campo positivo, terá uma dimensão significativamente menor do que a que teve em 2023, quando se observou uma elevação do gasto público em quase R\$ 200 bilhões somente com a PEC da transição.

Por outro lado, alguns elementos podem ajudar a atenuar a desaceleração dada pelos fatores elencados anteriormente. A continuidade no ciclo de afrouxamento monetário atualmente em curso, a robustez

do mercado de trabalho – que tem apresentado alta de população ocupada e de salários na margem – e o pagamento de elevado volume de precatórios realizado no final do ano passado são alguns exemplos. Assim, o consumo das famílias continuaria apresentando uma dinâmica favorável, que beneficiaria principalmente o setor de serviços. Além desses elementos, espera-se que o investimento cresça em 2024 não só porque partirá de uma base de comparação muito baixa, mas também pelo efeito do esperado aumento de liquidez global e pelas oportunidades que o país oferece em vários setores, especialmente aqueles ligados à agenda verde.

De fato, o início do ano começou melhor do que o esperado. Depois de alguns meses quando a atividade andou de lado durante o segundo semestre de 2023, a economia reacelerou em novembro e dezembro e seguiu esse movimento também em janeiro. Neste mês, os principais indicadores já divulgados mostraram um cenário muito positivo para a atividade: o comércio surpreendeu e exibiu altas de 2,5% (restrito) e 2,4% (ampliado), ambas muito acima do esperado. Os serviços cresceram 0,7%, também bem acima do consenso de mercado. A indústria recuou 1,6% na margem, mas com queda mais branda do que o esperado e concentrada no setor extrativo, que havia acumulado forte alta nos meses anteriores. Dentro da indústria, o setor de bens de capital se recuperou e cresceu 5,2%. O IBC-Br, conhecido como o PIB mensal, cresceu 0,6% em janei-

ro em relação a dezembro de 2023 e 3,4% em relação a janeiro de 2023.

Olhando esses dados de maneira mais geral, pode-se dizer que a atividade começou o ano mais aquecida do que se supunha, melhorando as expectativas para o ano. Ao mesmo tempo, as projeções de mercado têm sido revisadas para cima, ainda que timidamente, e já se aproximam de 2,0%. Esse crescimento seria caracterizado por um equilíbrio maior entre os componentes da oferta e também entre os componentes da demanda do que o observado em 2024.

Alcançar um número em torno de 2,0%, contudo, não é tão simples, uma vez que a economia precisará continuar acelerando durante o ano. Os dados do PIB de 2023 deixaram um *carry-over* de apenas 0,2% para 2024. Para chegar aos 2,0%, portanto, seria necessário observar um crescimento trimestral médio de 0,7% nos quatro trimestres do ano. Até o momento, tudo indica que o primeiro trimestre poderá entregar um desempenho positivo. Para frente, ficaremos na dependência da *performance* dos fatores que empurrarão a economia em 2024, torcendo também para que sejamos surpreendidos positivamente.

(*) Mestre em Economia pela FEA/USP.
(E-mail: gtinoco2002@hotmail.com).